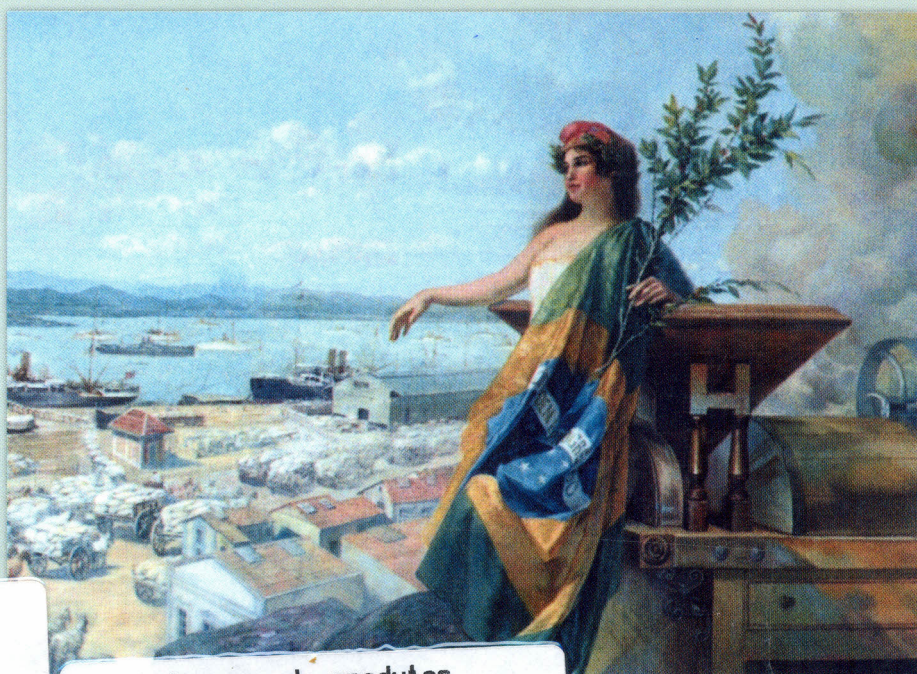
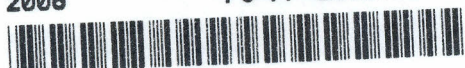


# CERTIFICAÇÃO DE PRODUTOS AGROPECUÁRIOS

Anais do 3º Congresso Brasileiro de Assistência Técnica e Extensão Rural



Certificacao de produtos ...  
2006 PC-PP-2016.00043



CPAA-32910-1



**EDITORES**

José Carlos de Moura

Victor André de Argollo Ferrão Netto

# ESTRATÉGIA METODOLÓGICA PARA O DIÁLOGO PARTICIPATIVO JUNTO ÀS COMUNIDADES RIBEIRINHAS NA AMAZÔNIA

Jose Nestor de Paula Lourenço<sup>1</sup>  
Francisneide de Sousa Lourenço<sup>2</sup>  
Rosangela dos Reis Guimarães<sup>1</sup>

## RESUMO

As comunidades tradicionais não são homogêneas. Estão diferencialmente estabelecidas em classes, gêneros, clãs familiares, religião, clubes de futebol, grupos folclóricos e outras características. Quando se chega a uma comunidade e se fala sobre a introdução tecnológica ou processo, pensa-se geralmente na padronização da vida dos ribeirinhos, não se deve apenas identificar os participantes diretos, mas também, por outro lado, ter interesse no uso alternativo do recurso ou na adoção da nova tecnologia. Atividades de desenvolvimento e de novas tecnologias poderão ter diferentes impactos através das diferentes classes socioeconômicas e de grupo étnicos e religiosos.

**Palavras-chave:** metodologias participativas; comunidades amazônicas; levantamentos.

## Introdução

Projetos que venham a desenvolver atividades produtivas em comunidades ribeirinhas na Amazônia Central freqüentemente carecem de informação adequada tanto sobre o universo social quanto sobre o universo geográfico. Tendo em vista os escassos recursos financeiros e humanos com os quais as propostas muitas vezes têm que atuar, foram desenvolvidas várias metodologias rápidas (Mitlewski, 1999) que visam efetuar estudos de caso de campo, geralmente com uma abordagem multidisciplinar, com tempo e números de pesquisadores

1. Pesquisadores da Embrapa Amazônia Ocidental – Caixa postal 319- 69011-970, Manaus, AM. nestor@cpaa.embrapa.br
2. Consultora da Contag para a Região Norte – Brasília – DF e Assessora Técnica da Comissão Pastoral da Terra no Amazonas/CPT-AM. francisneide.lourenco@ig.com.br

limitados. Tais metodologias variam de acordo com as necessidades específicas de cada projeto (Issac et al., 1999).

## **Descrição**

### ***Preparação***

Com o apoio de mapas, croquis de áreas, escolhe-se a área a ser percorrida e o número de comunidades a serem visitadas. Consultas a fontes secundárias, assim como entrevistas com habitantes da região, podem ser de utilidade para definir a abrangência e frequência das viagens. Define-se a composição da equipe, que sempre que possível é multidisciplinar de técnicos. A visita a campo dos técnicos da equipe e a convocação para a reunião comunitária podem, na medida do possível, ser anunciadas via rádio, que geralmente possui um sistema de recados, principalmente as rádios de ondas médias (OMs).

### ***Seleção prévia das comunidades***

É uma prática pouco utilizada, mas suas implicações posteriores são de certo facilitadoras para a execução do projeto que se deseja instalar. Geralmente esta seleção é feita previamente devido a sua localização geográfica. Porém alguns critérios básicos são estabelecidos, fundamentados em discussões com pesquisadores e entrevistas informais com os ribeirinhos.

Os critérios adotados para a escolha das comunidades foram:

- I - Demanda da sociedade civil organizada (colônia de pescadores, comunidades e associações comunitárias), demais representantes do terceiro setor e as instituições públicas.
- II - Presença de infra-estrutura e condições mínimas para dar suporte a projetos piloto, caso mostrem viabilidade (eletricidade, mão-de-obra).
- III - Logística de transporte de insumos e escoamento da produção facilitado (acesso rodoviário ou hidroviário permanente).
- IV - Presença de estruturas de suporte ao setor, como a indústria de ração animal, frota pesqueira, indústria pesqueira.

### ***Apresentação do projeto***

Um segundo passo é a realização de um contato inicial com as lideranças comunitárias, às quais se solicitam ajuda na organização

da reunião com os moradores da comunidade. Esta ocorre em local comunitário como centro social, sede, barracão, escola, etc... Durante a reunião, os participantes da equipe técnica se apresentam. Na ocasião, são relatados os objetivos e as metas do projeto, a finalidade da reunião e os levantamentos que se realizaram naquele local e os que ainda se pretende fazer. Após ouvir de forma coletiva os aspectos da comunidade, seus principais problemas, os participantes são convidados a participar do projeto, de seus levantamentos, cursos e reuniões. Nesta etapa solicita-se à comunidade que estabeleça a descrição de grupos de interesse – seus membros escolhidos de forma a terem interesses comuns para facilitar – que gostariam de participar da proposta que está sendo apresentada.

### ***Levantamentos***

Finalizada a parte inicial da reunião, procedeu-se ao levantamento de informações propriamente dito. Então os participantes foram divididos em grupos, cada grupo apoiado por um membro da equipe técnica. Após a divisão dos grupos, eles realizam as seguintes tarefas:

- a) Desenhar o mapa da comunidade (porto, estrada, casas, comércios, centros comunitários, igrejas) utilizando cartolinas e pincéis atômicos, indicado uma distribuição geográfica dos componentes estruturais das comunidades.
- b) Preencher informações sobre a comunidade, como número de famílias, produtos (agrícolas, extrativistas, artesanatos, mão-de-obra), porém de uma forma qualitativa, além de outros pontos, como história da comunidade, cultura, calendário anual de eventos, aspectos ecológicos.

Ao final do levantamento, os grupos são desfeitos e a reunião termina em forma de assembléia, onde os grupos apresentam os resultados dos seus trabalhos. É uma forma de todos os participantes receberem as informações. Na oportunidade renova-se o convite para cooperarem com o projeto.

### **Abordagem junto a comunidades ribeirinhas**

A preocupação da execução do projeto junto às comunidades ribeirinhas foi a de garantir a participação efetiva. Por isso foram realizadas reuniões em conjunto com a comunidade. O processo todo, contido

no ciclo de vida do projeto, compreendeu cinco fases distintas, assim apresentadas:

- Planejamento do projeto, por intermédio de reuniões junto à comunidade, para explicar a proposta do projeto.
- Operacionalização das ações, divisão de tarefas entre os comunitários envolvidos.
- Organização do projeto.
- Acompanhamento.
- Avaliação participativa dos resultados (quando da finalização do projeto).

Todas as fases são complementadas com os respectivos ajustes necessários para manter os rumos do projeto. A grande preocupação é a sustentabilidade no tempo, mesmo após o encerramento do projeto. Isto só deve acontecer com uma real participação dos envolvidos e dos parceiros com suas ações, de forma que eles passem a assumi-las após o término do projeto. Há que se considerar que nada é estático. Todos os processos são dinâmicos e, como tal, sujeitos a mudanças nem sempre previsíveis. Por isso, um projeto, por mais bem planejado que tenha sido, passou por avaliações que foram determinantes na realização de ajustes para mantê-lo alinhado com as necessidades do grupo-alvo, os interesses gerais e os objetivos propostos. Os ajustes por que passou o projeto a fim de corrigir o rumo das ações foram realizados dentro dos eventos de avaliação e monitoria internas do projeto.

## **Análise dos dados**

Após as reuniões, os dados devem ser sistematizados e digitalizados pelos técnicos, para a preparação de relatórios. Para que se tenha uma análise mais precisa da realidade é necessário observar os dados de vários ângulos e rever todas as informações sobre a comunidade da qual foram obtido.

Para se obter resultado positivos, principalmente nesses tipo de comunidade tradicional, deve-se lembrar uma visão holística para a análise e perceber e valorizar o que a comunidade deseja, e este desejo deve fazer parte de uma estratégia para a resolução do problema a ser enfrentado sem a necessidade de sacrificar a qualidade de vida dos ribeirinhos.

## Referências bibliográficas

- Guimarães, R. R., Souza, N. R., Sousa, J. N., Lourenço, J. N. de P., Normando, M. C. Agrossistemas alternativos para produtores de agricultura migratória em Presidente Figueiredo, AM. Boletim de Pesquisa. Manaus: Embrapa, 1999.
- Issac, V. J., Mitlewski, Ruffino, M. L., Oliveira, P. R. S. Metodologia para primeiro contatos, levantamentos participativos e multidisciplinares e incentivos à cooperação junto a grupos-alvo de projetos de desenvolvimento. In :Recursos pesqueiros do Médio Amazonas: abordagem socioeconômica. Coleção Meio Ambiente. Série Estudos da Pesca n. 21. Ibama. Brasília. 1999, p 13-30.
- Luiiz, A. J. B., Silveira, M. A. Diagnóstico rápido e dialogado em estudos de desenvolvimento rural sustentável. Pesquisa Agropecuária Brasileira. Brasília v. 35, n. 1, p. 83-91. 2000.
- Lourenço, J. N. P., Cravo, M. S., Sousa, G. F., Souza, N. R. Situação agropecuária do estado do Amazonas e sugestões para um desenvolvimento sustentado **In:** Meio ambiente e a EMBRAPA . Brasília : Embrapa, 1991, p. 304-320.
- Sousa, N. R., Sousa, G. F., Lourenço, J. N. de P., Moraes, V. H. F., Sousa, J. N. Caracterização agro-socioeconômica de unidades agrícolas de assentamento de Manaquiri. Serie Documentos. Manaus: Embrapa Série Documento 19, 1998.
- Mitlewski, B. Levantamento rápido rural (LRR). Coleção Meio Ambiente. Série Estudos da Pesca n. 21. Brasília. Ibama, 1999. 45p.